JORNAL DA ACAMPADA DO PORTO

Tendão



#0



VEMO-NOS NA PRAÇA!

Quando se pensa em assembleia ao ar livre, em lugar para conversa, encontro e vida pública apenas basta uma palavra: Praça. Toda a gente sabe onde é.

As coincidências do destino têm um certo jeito para a ironia, pois tal como o senhor Pedro Duarte quis utilizar a praça para a sua revista fatela, começamos nós esta edição 0 com o seu artigo hipócrita, pois não há outra solução além de regurgitá-lo e chamar a atenção para alguns pontos chaves.

Esta praça, infelizmente, não é ainda um lugar de celebração, estando relegada ao inglório papel de palco para a contestação do impune privilégio de políticos que, ou por cinismo cruel ou por ingenuidade egocêntrica, vivem alienados com a especulação imobiliária de estimação nas suas torres de marfim imponentes. Este espaço é o escolhido para o escrutínio da ação municipal (ou da falta desta) levada a cabo por abutres a mando dos seus donos, e escrutinada, então, pelas vítimas da sua negligência, sendo o ruído tão incómodo que de cá sai não mais do que o eco do sofrimento portuense. Não é de pasmar que perturbe os carrascos ouvir os choros de quem lida com as suas "decisões executivas".

Se D. Pedro Duarte, o Implacável, considera imprescindível à democracia prestar contas e informar claramente os cidadãos, por que decide ele enviar os seus cães de caça para executar a sua vontade? As pessoas apenas apresentam reivindicações legítimas e pedem esclarecimentos quanto às decisões dos projetos em curso que moldam a cidade e, invés de encontrar diálogo e tentativas de compreensão, recebem bastonadas em troca. Quem olha além da sua rua e se aproxima desta praça reconhece apenas sonhos pisados e problemas ignorados.

Recordemos, então, a estátua O Porto. Esta estátua encontrou finalmente a sua residência permanente em frente à antiga Câmara do Porto, no Terreiro da Sé, local que serve, tanto como uma atração turística rentável de dia como um albergue improvisado para muitas pessoas que se encontram em condições habitacionais precárias, sem nenhuma outra alternativa, de noite. Afirmar que uma estátua previamente itinerante, que partilha repouso com vítimas do sistema, simboliza o poder municipal, e que esta representa o que "somos nós todos" reflete, com uma crueldade trágica, a situação em que muitos portuenses se encontram e a fragilidade do futuro que vemos a ser construído.

Mas não se esqueça, senhor Pedro: o poder municipal reside simbolicamente em estátuas pomposas, mas manifesta-se realmente apenas na voz do povo. Por isso, fica o desafio:
Vemo-nos na praça?

Para todos nós, a resposta é clara.
Todos os caminhos vão dar à Praça!

**Comentário ao texto "Vemo-nos na Praça", da autoria de Pedro Duarte, publicado na revista municipal trimestral* Praça*, outubro de 2026.*





A DITA DURA

Capacetes-glande,
cassetetes-dildo,
avançam pela calada.

é sempre de noite que eles vêm
foder a puta da luta acampada

com tasers, algemas e cães,
os beijos de suas mães
não sublimaram nada.

escudos, fardas,
pistolas e canhões,
vens-te sempre tão depressa
se te apertam os colhões.

ao pontapé,
à joelhada,
ao empurrão,

fiquei toda molhada
quando vi o teu bastão
e dei à geraldina,
três pra uma já no chão.

baba yaga, balaclava,
bota de borracha na boca,

choker, rimmel, joelheira.

se tivesses avisado
eu podia ter vestido
cuequinhas à maneira.

cabedal, acrílico, kevlar.
pintaste a minha beiça de vermelho,
com ternura, até sangrar.

gás-pimenta, dirty talk,
perdigotos na viseira:

desmonta a tenda,
cala a canção,
guarda o cartaz
e esconde já essa bandeira.

— ainda não te cheira?

Musa Molotov



RESISTÊNCIA PACÍFICA OU NÃO PACÍFICA?

Enquanto esperava pelo autocarro para voltar para casa, às 6 da manhã, depois de ter experienciado com os meus camaradas de luta da Acampada do Porto uma boa quantidade de bastonadas da polícia em diferentes partes do corpo, tentava reorganizar os meus pensamentos. As coisas passam-se muito depressa quando estamos literalmente entre o bastão ou a bala de borracha e a parede, e há pouco tempo para decidir se recuamos, mantemos cordão humano até ao fim das nossas capacidades, ou se nos armamos em heróis e atiramos objetos, murros e pontapés aos *robocops* mega equipados que o Estado envia para bater em manifestantes pacíficos.

O caminho de volta a casa é humilhante. Sentimo-nos exaustos, com sono, doridos no corpo todo, derrotados, frustrados, rancorosos, e com vontade de voltar no dia seguinte e provar que isto ainda não acabou. As palavras ficaram marcadas na parede e, no dia seguinte, as gentes da cidade Invicta encheram como nunca a praça D. João I.

Um espectro assombra Portugal: o espectro da revolução pacífica e sem sangue do 25 de Abril de 1974. Este mito espectral do pacifismo revolucionário tem pesado nos ombros dos vivos nos últimos 50 anos, perpetuando a apatia e a letargia de todo um povo e de toda uma classe despossuída e oprimida. As consequências disso mesmo têm vindo a refletir-se nos métodos adotados pela acampada nos confrontos e resistência com a polícia. Por muito idílica que seja esta ideia, repetida diversas vezes por oradores em todas as assembleias, não corresponde à verdade.

O 25 de Abril não foi pacífico nem uma revolução sem sangue. Cinco pessoas morreram a tiro pela PIDE, durante as manifestações populares contra a polícia política do regime fascista, com algum apoio da cobardia de Jaime Neves, que se recusou a atacar a sede da PIDE em Lisboa por considerar demasiado bem protegida. O golpe só se tornou revolução porque trabalhadores desarmados foram mais valentes do que militares de blindados.

A revolução começou com um golpe de Estado militar. É difícil imaginar algo mais violento do que o uso de armas de fogo, tanques, blindados e artilharia. Por diversos fatores, felizmente não houve confronto direto entre militares, e evitou-se uma matança, mas a ameaça do uso de força militar não soa muito pacífica. Ninguém diria que um manifestante usou um método pacífico de protesto contra o governo se apontasse um tanque ao Palácio de S. Bento e acabasse por não disparar quando o governo cedesse às suas exigências. Não me cheira que este método de protesto esteja previsto na lei.

O Estado-nação capitalista moderno é um conjunto de instituições burocrático-militares, que concentram o poder político, económico e social de uma classe minoritária, contra a majoritária e despossuída classe trabalhadora. A força de armas está toda do lado de quem tem o poder. Nenhuma manifestação, marcha, ou cordão humano vai derrotar as forças do Estado, por muito pacífica e moralmente superior que acredite ser. O resultado, que se tem visto nas acampadas do Porto e de Lisboa, é outro completamente diferente. Quando a polícia lança cães, gás lacrimogéneo, bastonada, *tasers* e balas de borracha, enquanto nós nos limitamos a apanhar sem devolver qualquer golpe, estamos a ser só um saco de boxe indefeso. Estamos a apanhar, a sofrer baixas e vítimas inocentes, a deixar pessoas feridas e traumatizadas, física e psicologicamente. A correr o risco de acabar com mortos (a PSP tem um bom número desses na consciência), de perder apoiantes e militantes, por medo de sofrer represálias ou simplesmente por atingirem um ponto de esgotamento mental e físico que as impede de continuar a lutar e a resistir contra as investidas do Estado.

> **“Este mito espectral do pacifismo revolucionário tem pesado nos ombros dos vivos nos últimos 50 anos, perpetuando a apatia e a letargia de todo um povo e de toda uma classe despossuída e oprimida.”**

Por outras palavras, a resistência pacífica esgota as nossas forças sem enfraquecer as do Estado e da burguesia. Deixa os mais vulneráveis em maior risco e a sofrer as piores consequências, nomeadamente pessoas racializadas, mulheres, pessoas *queer* e com deficiência. Nas palavras do anarquista Peter Gelderloos, a não-violência é racista, patriarcal e ineficaz. Racista porque ignora que as pessoas racializadas são o principal alvo de violência policial e da parte do Estado, e assume que, se estas simplesmente abandonarem o seu direito à autodefesa, deixarão de ser detidas, espancadas, violadas e mortas. Não precisamos de voltar a enumerar os casos do Quartel do Rato, de Odair Moniz, de Cláudia Simões, e os incontáveis casos de

violência com impunidade cometidos nos bairros sociais racializados. A romantizada resistência pacífica que temos levado a cabo nas acampadas tem muita gente branca e cis-hetero (como eu) a levar porrada ou a ser detida sem os riscos que pessoas racializadas correm, se estiverem na mesma posição.
É patriarcal porque perpetua a ideia de que mulheres não devem reagir à violência masculina e patriarcal com violência, novamente deitando abaixo o seu direito a autodefesa, que historicamente, tal como com as comunidades racializadas, indígenas e colonizadas, foi o único método eficaz de mulheres combaterem e derrotarem o patriarcado e os seus imensos abusos.

“Não precisamos de voltar a enumerar os casos do Quartel do Rato, de Odair Moniz, de Cláudia Simões, e os incontáveis casos de violência com impunidade cometidos nos bairros sociais racializados.”

Abandona mulheres e pessoas trans e queer, de modo geral, ao contínuo abuso diário que sofrem. Se o patriarcado é um sistema violento, e que exerce essa mesma violência de forma organizada, então a única forma eficaz de resistir a essa mesma violência é com autodefesa organizada e popular das mulheres e pessoas queer.
No mesmo sentido, a única forma de não continuarmos a sofrer baixas, a ser vítimas inocentes que enfrentam a violência armada que o Estado usa com toda a impunidade, é organizar as nossas próprias instituições com independência de classe e táticas de autodefesa popular de massas.
Quase todos nós provavelmente crescemos a ouvir os nossos pais e os adultos à nossa volta a repetir o Mantra “a violência não resolve nada”. Este é o slogan que serve de muito àqueles que já se encontram em posições de poder e privilégio económico, social e político, mas faz pouco por quem não tem onde viver, o que comer, onde receber serviços de saúde, onde estudar, onde aceder a cultura e lazer. Com o monopólio da força do lado das classes dominantes, o proletariado e todas as classes oprimidas e trabalhadoras pouco podem fazer. Mas quando os de baixo se levantam e lutam contra os de cima, já nem por uma revolução social, mas por mais migalhas da mesa dos ricos, a solução do Estado é, geralmente, a violência, com carga policial entre fronteiras e guerra militar além fronteiras.
Foi através da violência que os escravos derrubaram os proprietários e ladrões que os escravizaram. Foi através da violência que os servos derrubaram senhores e impuseram os seus interesses em lei e em facto ao longo da história. A violência como método de autodefesa permitiu aos trabalhadores, depois da revolução industrial, enfrentar polícias e exércitos, e conquistar todos os



25/10/2026
A LIBERDADE CAIU

direitos de que beneficiamos hoje. E foi também utilizando muita violência que as sufragistas conquistaram o direito ao voto e o acesso à educação.
Em suma, de uma perspetiva de classe trabalhadora e dos oprimidos, há uma distinção que tem de ser feita entre a violência do opressor e a violência do oprimido. A violência que o Estado, os patrões, e os senhorios usam para nos manter pobres, explorados, e dominados, é diferente da violência libertadora e libertária coletiva que nós, enquanto despossuídos e oprimidos, utilizamos para nos libertar das grilhetas que nos amarram. E continuam a existir, por muito metafóricas e abstratas que sejam. Organizemos nesta acampada os nossos próprios métodos de autodefesa, deixemos de ser meros sacos de pancada, e aprendamos a organizar a força capaz de nos proteger mais eficazmente.
Existem diversos exemplos de como a autodefesa foi utilizada em manifestações noutros países. Estas táticas foram utilizadas para evitar detenções e lesões, mantendo a segurança dos militantes, nomeadamente o uso coletivo de roupas iguais, com cores neutras como branco, preto e cinzento, de modo a tornar mais difícil à polícia identificar alvos no meio da multidão; o recurso a faixas e bandeiras reforçadas, assim como guarda-chuvas, para resistir a investidas da polícia, balas de borracha, granadas de luz, e outros ataques da parte da polícia; o uso de máscaras, óculos de proteção e respiradores que permitem não só esconder a identidade dos militantes e pessoas mais vulneráveis, como

também resistir a ataques de gás pimenta e lacrimogéneo; a organização em formações coletivas em forma de V, permitindo à multidão avançar através de linhas de defesa da polícia sem causar grandes lesões físicas nos militantes; luvas resistentes ao calor que permitem apanhar granadas atiradas pela polícia e atirar de volta.

O movimento Defend The Atlanta Forest/ STOP COP CITY enfatiza simultaneamente a importância da confiança entre os militantes. Não entrar em pânico e manter a coesão. Ao estarmos bem organizados, nada teremos a temer. É importante a flexibilidade de táticas e métodos de ataque e resistência contra as forças do Estado. É também importante manter o movimento descentralizado e flexível: «ser água», nas palavras dos revoltosos de Hong Kong. Ao se moverem com agilidade e constante adaptação às circunstâncias específicas do momento, o movimento torna-se mais difícil de reprimir. Manter sempre união e coesão. Nunca permitir divisões, nem que militantes, sejam apanhados sozinhos e cercados ou detidos em situações de isolamento.

Nos dias que correm, é importante lembrar que a autodefesa é uma forma de nos protegermos de agressões da parte das forças policiais. As técnicas de autodefesa podem ser aprendidas através, por exemplo, da formação de clubes de luta dentro do movimento.

A necessidade de elaborar técnicas de autodefesa é urgente e fundamental para garantir a segurança durante as manifestações.

Tripeiro

ENQUANTO NÃO SE TORNAREM CONSCIENTES NUNCA SE REVOLTARÃO E ENQUANTO NÃO SE REVOLTAREM NÃO SE TORNARÃO CONSCIENTES



Vivo entre corredores mortos. Lembro-me de, com os meus quatro, quase cinco anos, pensar que a casa para onde nos íamos mudar os sete era gigante, com os quartos desprovidos de camas e armários e livros, só teto e paredes brancas e chão, portas e janelas de madeira, um oásis para quem veio de um quarto para cinco irmãos em casa dos avós. Foi-se vivendo, decorando, beliches, mesas, estantes e estantes e estantes. No Natal, a mãe tentava fugir ao singelo e singular presépio de família com bolas de brilhantes e uma árvore vermelha mais baixa que eu, cuja decoração ficava, com muito orgulho, a meu cargo e ao da minha irmã. Muito amava partilhar parede com o beliche triplo dos meus irmãos, de ouvir as conversas e os risos esporádicos que se estendiam fraternos pela noite. Ser o elemento mais novo da família é duro por só ver partir, esse agridoce de entender que a vida continua para além das quatro paredes de simulação uterina que todos partilhamos na génese da vida. Foram-se indo e fomos ficando, pouco a pouco. Foi-se o segundo, foi-se o primeiro, foi-se a mãe, foi-se a quarta, foi-se o terceiro, foram ficando e indo, ficou o pai e fiquei eu. Uma dicotomia de personalidades, vontades, ordens, fomos tentando conviver sem querer admitir as nossas tão intrínsecas semelhanças. Fomos tentando viver dois pelos mesmos corredores de sete que atravessavam os assombros dos arrumos e dos quartos fantasmas. Muito amei partilhar parede com o ressonar trovejante de embalo, desta vez eu no colchão deles e ele no meu. Temos as paredes riscadas de testemunhos de vida, coladas de fotografias e excertos e cartazes, escritas pelas mãos de uma criança nunca privada das explorações artísticas,

a muito custo para a mãe que as lavava. E em maio foi-se o pai, arrancado do terreno pela fraqueza do corpo despido pela quimioterapia. Assim me deu o senhorio seis meses do limite pós-morte para despir, eu, os vinte anos de família de uma casa já podre e já morta. Foi-se ela com ele, por um outro cancro que faz mais dinheiro com um prédio vazio de inquilinos, e não quer renovar um contrato sequer a termo curto por ser casa a mais para gente pouca. Vinte anos de conversas, de risadas, de jantaradas e almoçadas e festas e choros e gritos e arte, em seis meses. Eu sou egoísta, sou. Queria que estivesse o pai comigo, com os seus 68 anos de vida, as suas preocupações de professor, as suas mil e mais uma doenças, queria que estivesse ele comigo em todo o seu sofrimento para poder, pelo menos, aliviar um pouco o meu. Sou egoísta e o admito. Queria-o comigo a deslizar pelas páginas de anúncios de arrendamento que tanto pesariam nos salários de 44h semanais, queria-o comigo a contar os cêntimos dos bolsos e os míseros números da conta. Queria-o comigo a arrastar caixas e a filtrar os seus apontamentos e trabalhos e livros e documentos. Queria-o comigo a empacotar os seus quadros, os seus desenhos, as suas artes. Queria-o a suportar comigo este peso senhorio maciço que não constaria numa balança mas me esmaga a coluna entre e intra turnos, e a contar todos os amanhãs de medo de um despejo de lágrimas e pertences que de tanto meus já nem o são. Queria poder ser egoísta, mas não me deixam partir a pedra e escavar a terra, nem tão pouco montar a tenda. Vou-me eu e monto-a na mesma.

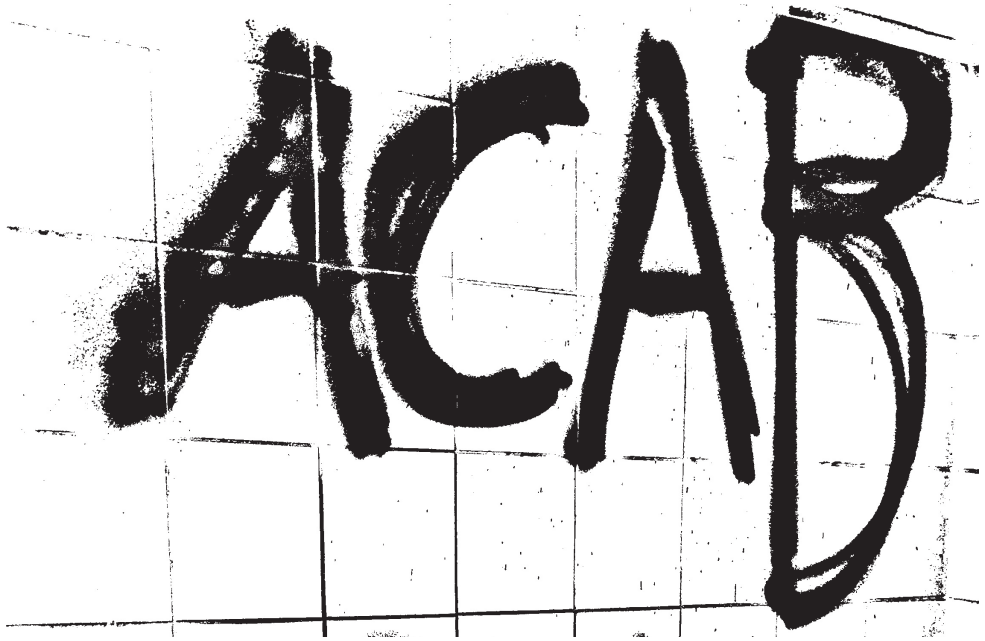

RENDAS DE LUXO
ORDENADOS DE LIXO
RUA NÃO TEM MEDO DE RETALIAÇÃO
55 vs. Ø ?!
55 casas e só um TIJOLO?
EU VI ESTE POVO A LUTAR PARA A SUA EXPLORAÇÃO ACABAR
NÃO DA MAIS POR VIVER ASSIM!
ÁRVORES
AJUDA!
MANDAM-NOS PARA A REGISTA
QUERO SER
POVO SEM TETO NÃO SENTE AFECTO
!!!
NENHUM ESCUDO PARARÁ A PRISÃO
SEM CASA NEM RESPEITO É NA RUA QUE ME DEITO
+justiça
TAKE PEACE
CASAS PARA MORAR!
DOAÇÕES ACAMPADA
CONTRA A INTIMIDAÇÃO RESPONDEMOS COM EDUCAÇÃO
ISTO NÃ ACABOU
SÃO TENDAS, NA RUA NOS TERÃO
FILHOS DA PIDE

NOTAS DE UMA REVOLUÇÃO

Acampada do Porto 2026, 1ª semana

O Porto saiu à rua num dia assim e não mais recuou.
Dia 10 de outubro, sábado, saímos para dizer ao poder que não dá mais.
Não dá mais salários de miséria, um custo de vida incomportável para a esmagadora maioria dos portugueses, uma educação e saúde públicas cada vez mais deterioradas. E, sobretudo, não dá mais entregar o salário todo ao senhorio. Não dá mais que ter um teto sobre a cabeça seja um privilégio de alguns.
Então, o Porto ficou, o Porto acampou, com toda a sua força e coragem na Praça D. João I e lá reuniu com o povo, ouviu-o em Assembleias Populares e decidiu que não arredava pé até à mudança.
Dia 12, segunda-feira, o poder deu a primeira mostra de que não ouve o povo, avançou sobre o Porto acampado às seis e meia da manhã quando este estava a obedecer à ordem de retirada das tendas, roubou tendas e pertences. Mas o Porto acampado resistiu e gritou: "Tiram-nos as tendas, ficamos ao relento!" O Porto ao relento tornou a chamar o povo, na noite de 14 de outubro, quarta. Nova manifestação, novo grito de revolta, nova Assembleia, ânimos e coragem reforçados: **O Porto não se vende!**
E, mais uma vez, o Porto ficou e acampou, e o poder tremeu, o poder assustou-se, o poder achou que a forma de desmobilizar o Porto era pela violência. Assim, na madrugada de 15 de outubro, de quarta para quinta-feira, o poder mandou os seus cães de fila. Convencidos de que seria pela força que nos derrubariam, avançaram sobre o Porto, que, unido, jamais será vencido. Abriram cabeças, partiram braços e pulsos, agrediram pessoas com deficiência no chão, destruíram comida, roubaram e destruíram tendas e pertences. Deixaram claro que por onde o poder passa, o que deixa é um rasto de destruição. Mas o Porto não se rende e a mensagem foi clara:

ISTO NÃO ACABOU!



A Praça não chegou para os milhares que, no dia 15, às 19h, se juntaram para gritar "O Porto é nosso! O Porto é nosso! O Porto é nosso e há de ser! O Porto é nosso até morrer!" Vieram os fachos. Quando o poder percebe que mandar os cães de guarda institucionais está a ter o efeito contrário, manda a matilha da retaguarda, tenta desestabilizar por dentro, tenta armar conflitos onde eles não existem. Por razões de segurança, e sem nunca deixar de fazer as Assembleias Populares, o Porto foi descansar, recuperar energias para sábado, dia 17.
Porque nesse dia o Porto ia ter companhia. De manhã, Coimbra e Madeira. De tarde, Lisboa e Faro. Saímos à rua para pedir novamente que tudo mude, que uma vida digna não seja só para um punhado de gente. Que o povo possa viver além de respirar, além de trabalhar, além de produzir.
O Porto tornou a acampar e ficar, e Lisboa também acampou e ficou. E Porto e Lisboa unidos a uma só voz gritaram: ISTO NÃO ACABOU.
Dias antes, um ministro, do alto do seu privilégio de membro de um governo que, juntamente com aquele partido do qual não me apetece dizer o nome, é dono de mais de mil imóveis no valor de 55 milhões de euros, disse que o governo "não vai ceder aos gritos que vêm da rua", deixando claro que não governam para o povo. O Porto e a Lisboa acampados e o resto do país manifestado gritaram, tornando impossível o senhor ministro ignorar a voz do povo. No Porto acampado aconteceu algo que nunca tinha visto. Largas centenas de pessoas, talvez mais de um milhar, passaram um dia inteiro numa

Praça, juntos, a conviver, a conversar, a comer na Cantina Popular, a construir, a fazer aquilo que o poder teme: usufruir do espaço público, tomar as ruas como aquilo que são – suas, do povo, de todas as pessoas. Às 19h, a Assembleia Popular soberana votou e ditou.

O Porto fica. O Porto acampa. O Porto resiste.

O Porto vai além do dia 20 já comunicado.
Os fachos voltam, tentam desesperadamente provocar, agitar, dar desculpa para que a polícia nos ataque. Ateiam fogo a caixotes do lixo, mas o objetivo é incendiar-nos a nós. A Acampada sabe. A Acampada não responde ao ódio. A Acampada canta e dá gritos de "25 de Abril Sempre, Fascismo nunca mais", responde com a união daqueles que sabem que só a comunidade, só o povo e a união popular nos podem salvar. Só o Povo Salva o Povo!
A noite foi tensa, mas viva. Quer o Porto, quer Lisboa acampados vibraram na mesma frequência de luta e resistência. As ameaças do poder e daqueles que nos querem arrastar para as trevas não venceram.
E assim chegou a manhã de domingo, dia 18. Chegou com a obsessão pela limpeza a que o xerife camarário nos tem habituado nos últimos dias, mas a Acampada mostrou do que é feita a comunidade e a cidadania real: varreu, apanhou lixo e, com uma esfregona e muita disponibilidade, limpou a Praça inteira, mostrando ao mundo do que é feita a Acampada do Porto.
Hoje, dia 19, o Porto acampado mantém-se firme. O Porto acampado comunica à Câmara que resiste até 31 de dezembro.
As crónicas da Acampada vão continuar enquanto a voz não me doer.



Texto escrito no dia 19 de outubro de 2026

Neste país, até as paredes aprenderam a mentir.
Têm janelas, mas não deixam entrar o futuro.
Têm portas, mas escolhem quem passa.
E há milhares de homens a envelhecer nos corredores,
com uma chave inútil no bolso
e o nome de um lugar que nunca será seu.
Lá em cima, os abutres vestem gravata.
Chamam progresso à fome,
estabilidade ao medo,
liberdade à possibilidade de escolher
qual dos olhos fechar primeiro.
Há qualquer coisa de podre
na madeira desta mesa,
na tinta fresca destes decretos,
no silêncio de quem vendeu a fechadura
e ainda se senta à cabeceira
a ensinar-nos o que significa ter um lar.
Eu queria arrancar as dobradiças do mundo.
Ver cair as portas,
uma a uma,
como dentes podres de uma boca
que há demasiado tempo nos mastiga.
Queria ouvir o estrondo
de todas as chaves atiradas contra o chão,
milhares de mãos a erguerem-se
não para pedir,
mas para lembrar
que até os reis precisam de paredes
e que nenhuma parede se mantém de pé
quando o chão deixa de consentir.

-Ayla, 2026



Faz hoje uma semana que agrediram pessoas, inocentes, que saíram à rua para lutar pacificamente pelos seus direitos.
Podia ter sido eu, mas tive a sorte de não estar lá.
Podia ter sido eu a levar com um bastão na cara, na cabeça, nas mãos.
Podia ter sido eu a sentir o medo, a dor, a incredulidade de perceber que lutar por aquilo em que acredito me podia custar o próprio corpo.
Podia ter sido qualquer um de nós.
Querem levar-nos ao limite. Querem-nos cansados, assustados, calados.
Querem meter-nos dentro de caixas demasiado pequenas para os nossos sonhos e esticar-nos até doer, até sangrar, até acharmos que já não vale a pena gritar.
Querem as mesmas caras em todo o lado, os mesmos olhos vazios, as mesmas cabeças a dizer que sim. Um povo que tenha desaprendido a dizer não. Mas nós não nascemos para viver de cabeça baixa.

A rua é nossa. É nossa quando nos juntamos, quando gritamos por quem foi silenciado, quando damos a mão a desconhecidos que se tornam camaradas, por partilharmos os mesmos valores. A rua é nossa porque é do povo. Não de quem tem mais poder, nem de quem acredita que um bastão pode valer mais do que uma voz.
Lutar na rua não devia exigir coragem para enfrentar a violência. Devia bastar a coragem de aparecer, de exigir uma vida mais digna. Ninguém devia ter de escolher entre a sua segurança e o direito de se fazer ouvir.
Não vamos ceder.
Temos sonhos, temos direitos e queremos um futuro onde viver não seja apenas sobreviver. Um futuro onde a liberdade não termine quando começamos a incomodar, onde a dignidade não seja um privilégio, e onde ninguém tenha de sangrar para ser ouvido.
Que não nos roubem a voz, a memória ou a vontade de lutar. Que a violência não nos ensine o silêncio, mas nos lembre da importância de nunca deixarmos ninguém lutar sozinho.
Podem ferir corpos. Podem tentar calar vozes. Mas não podem exigir que um povo deixe de sonhar.
O Porto não se cala. O povo não se cala.
Porque enquanto houver alguém disposto a sair à rua por um futuro melhor:

Haverá voz.
Haverá luta.
Haverá esperança.
Haverá povo.

Texto por: Lara Borges
Fotografia por: Gui Castro

REIVINDICAÇÕES DA ACAMPADA:

1. Reversão da lei do arrendamento;
2. Fim de despejos de pessoas sem habitação alternativa;
3. Fim da compra de imóveis por parte de fundos imobiliários;
4. Aumento de habitação pública;
5. Iniciativa pública de recuperação de imóveis devolutos para fins habitacionais;
6. Aplicação de um teto à renda.

JUNTA-TE À ACAMPADA!
Todos os dias, pelas 19h, na praça D. João I
@acampadaporto.


Tendão